

Fórum Esalq-ABAG-AEASP

Empreendedorismo Inovador

De tamanho continental, o agronegócio brasileiro é uma fonte de realidades distintas e curiosas no campo da produção técnica e econômica. Qualquer tentativa de generalização de uma determinada situação, certamente, estará cercada de imprudência e equívocos. É, na verdade, um mundo rico para o empreendedor usar a inovação como uma grande e estratégica ferramenta, já que ambos caminham juntos.

Nesse sentido, o Fórum Empreendedorismo Inovador teve seu conteúdo e desenvolvimento tendo como alicerce a apresentação de quatro *cases*, que trataram: da gestão nas agrocorporações; da tecnologia dos organismos geneticamente modificados (OGMs); da difusão dos controladores biológicos; e da mesa-redonda da pecuária sustentável. Cada um deles faz parte de uma visão integrada de distintas tecnologias e modelos alternativos de gestão para o agro nacional.

Na abertura do evento, o professor José Vicente Caixeta, diretor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, destacou que "a importância do evento possui algo bem emblemático, pelo fato de fazer com que a Academia esteja próxima e alinhada ao mercado. Isso também oferece uma oportunidade para os profissionais egressos da faculdade, pois o empreendedorismo inovador das Ciências Agrárias depara-se com desafios e problemas complexos".

Para o secretário do Meio Ambiente do estado de São Paulo, Bruno Covas, "a integração entre o meio ambiente e a agricultura faz-se cada vez mais necessária no estado paulista e no mundo. O protocolo de boas práticas ambientais na área da energia da cana-de-açúcar é um exemplo disso. O correspondente às emissões de 59 mil ônibus em circulação durante um ano foi evitado. Tivemos também ganhos sociais, com os trabalhadores sendo transferidos para as operações de máquinas. Os investimentos chegaram a R$ 2 bilhões. Vamos continuar à frente nesse esforço em favor do desenvolvimento sustentável".

A secretária da Agricultura do estado de São Paulo, Mônika Bergamaschi, enfatizou que "meio ambiente e agricultura são, de fato, indissociáveis na formulação das políticas públicas do ponto de vista da sustentabilidade. Precisamos sair da visão con-

vencional e buscar entender a complexidade das questões com base em três fatores: a inteligência, o conhecimento e o relacionamento. É nesse caminho que conseguiremos avançar e garantir progresso para a sociedade brasileira".

Luiz Carlos Corrêa Carvalho, presidente da ABAG, salientou que "o objetivo básico do fórum é trazer *cases* atuais e reais, vivenciados nos dias atuais pelo agronegócio, com a visão estruturada de romper processos e trazer propostas diferentes de trabalho e organização corporativa". Já o professor Roque Dechen, vice-reitor executivo a Universidade de São Paulo, lembrou o aspecto positivo de trazer novos cenários para ser discutidos e analisados, com os olhos voltados para o futuro.

Gestão nas agrocorporações

Rodrigo Rodrigues*



Quem está predisposto a empreender precisa, em primeiro lugar, ter a consciência de que pode errar. Quem não sai de casa não erra! Senti isso por experiência própria. Depois de algumas experiências profissionais interessantes e visitas a mais de vinte países e quatro continentes, com exposição a agriculturas temperadas e tropicais do mundo, trabalhamos, hoje, numa organização de governança corporativa, que desenvolve terras no Brasil para exploração agrícola, com respeito ao meio ambiente, às pessoas e gerando retorno aos acionistas com alta governança corporativa (empresa auditada, com Conselho de Administração atuante etc.).

Começamos a empresa em 2008, rodamos 2,5 milhões de hectares no Cerrado e compramos cerca de 70 mil hectares no oeste baiano, com recursos de investidores brasileiros e estrangeiros, o que envolve o relacionamento com os fundos, a obtenção de licenças ambientais, a realização de audiências públicas, o treinamento de mão de obra, a construção de sede, energia elétrica, ponte, estrada, entre outras. Antes, trabalhei em produção agrícola e em consultoria voltada ao agro, incluindo formulação e validação de planos de negócios.

O Brasil tem um papel fundamental para o mundo na segurança alimentar e para a manutenção da paz. Somos um país tropical diferente dos outros celeiros de clima temperado. A frase de Pero Vaz de Caminha – de que aqui se plantando, tudo dá – não faz o menor sentido. O nosso solo é mais fraco em nutriente. Temos a fala do Macunaíma de que os males do Brasil são muita saúva e pouca saúde. Com essa condição ambiental, não poderemos dispensar a tecnologia de agroquímicos. Além disso, temos que educar o nosso colaborador, que, apesar de muito trabalhador, não tem educação formal. Isso sem falar que nossa logística é lamentável. Portanto, a escala é fundamental, e esse diálogo com a sociedade e os investidores deve ser muito franco e aberto, pois, no Brasil, vende-se muito a estória das falsas dicotomias: do grande *versus* o pequeno, do desenvolver *versus* o produzir, das *commodities* exportáveis *versus* o produto para consumo interno.

O agro é uma das maiores indústrias do mundo, porém ainda muito fragmentada ao redor do mundo. Temos a nosso favor a escala de produção e a disponibilidade de água, apesar de a nossa agricultura ser predominantemente de sequeiro, mas necessitamos de muito investimento. Certamente, a tendência será de consolidação, e os grandes fundos olham para isso, na perspectiva das agrocorporações. Na empresa, falamos sobre a política dos três Ps (produtividade, planeta e pessoas), que é palavra de ordem! Consideramos o treinamento de pessoas como fundamental para a maior produtividade e para mais respeito pelo meio ambiente.

O Brasil possui um grande arcabouço legal para regular a água, floresta, solo e trabalho, por exemplo. Os investimentos de capital estrangeiro em terra estão suspensos por conta de decisão da Advocacia Geral da União. Recursos financeiros deixam de entrar no País. Somos uma sociedade anônima de capital brasileiro, mas acho que isso deve ser revisto. A maioria do capital da empresa que represento é brasileira; por isso, levanto esse ponto como brasileiro!

Como na agricultura nada se faz sozinho, devemos olhar com carinho o associativismo. No empreendedorismo, a parte financeira pesa muito no sucesso. No longo prazo, o resultado da busca do ótimo abre uma diferença significativa em relação ao do bom. A força do pensamento reflete nas palavras, atos e hábitos, que dão formação ao caráter das pessoas. Veja bem isso: na agricultura, qualquer plano de negócio é de no mínimo sete anos.

*Diretor operacional da Agrifirma



SHUTTERSTOCK

Tecnologia OGM



Mario Von*

Hoje, as nossas atividades estão centradas na área de Biotecnologia de semente, mas temos um passado com trabalhos de campo na região do Cerrado e no exterior. Entendemos que as tecnologias somam-se e são complementares nas boas práticas agrícolas. Devemos encarar como normal o fato de haver diferentes reações com relação a uma nova tecnologia. Existe, por exemplo, o mito do alimento natural, de o produto ter sido sempre da mesma forma. No entanto, sabemos que as culturas saíram dos seus centros de origem e foram domesticadas com cruzamentos interespecíficos, indução de mutações e transformação genética.

Contamos com o Conselho de Informações sobre Biotecnologia (CIB) para informar e esclarecer os consumidores e a sociedade sobre a transgenia. No Brasil e no mundo, vivemos a primeira geração de organismos geneticamente modificados (OGMs), com a introdução de genes resistentes a insetos, vírus, pragas e herbicidas nas características genéticas das plantas. Seus benefícios decorrem do menor uso de defensivos, proteção do solo, controle da poluição, manutenção dos lençóis freáticos, dentre outros. A agricultura brasileira é a segunda no *ranking* no uso de OGMs, principalmente na soja, milho e algodão. Em outras partes do mundo, a tecnologia já chegou a hortícolas e floricultores.

Na parte da regulamentação, havia um grande embate entre a Lei de Biossegurança e a Lei do Meio Ambiente, sem grandes avanços. O grande marco regulatório veio com a aprovação da Lei de Biossegurança, em 2005. O modelo brasileiro é reconhecido como um dos mais criteriosos e rigorosos na liberação de OGMs. Referência para muitos países, temos diversos no processo de chancela da Comissão Interna de Biossegurança (CIBio), da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), com cinquenta e quatro membros, e do Conselho Nacional de Biossegurança, formado por ministros. Entre os eventos aprovados nesses anos, faz parte o feijão da Empresa Brasileira de Pesquisa



SHUTTERSTOCK

Agropecuária (Embrapa). Todos os pedidos para aprovação de novos eventos fazem parte do site da CTNBio.

O processo de aceitação da biotecnologia melhorou, mas passa por ciclos de altos e baixos. Hoje, existe resistência para os eventos de plantas tolerantes aos herbicidas de milho, soja e algodão. O impacto na adoção da transgenia passa pela criação de sinergia com outras tecnologias na aplicação de defensivos, redução de água para pulverização, emissão de gás carbônico e poluição do solo. A tendência é melhorar a eficiência da aplicação de fertilizantes e haver maior tolerância com relação à seca e à salinidade.

Como as previsões de riscos para a saúde humana e o meio ambiente não se confirmaram, as novas e as velhas práticas agrícolas continuam importantes para a geração da produção e renda para o produtor. Passamos, agora, para a segunda e terceira gerações de produtos OGMs, resistentes a *stress* abiótico e com características nutricionais melhoradas. A complexidade dos trabalhos aumenta também com a transformação da biomassa e a precisão da mudança genética.

*Presidente da AgroBio e diretor de Marcos Regulatórios da Dow AgroSciences

Controles biológicos



Gustavo Herman*

Fundada em 2007, com dezenove associadas, a ABCBio sente a diferença de velocidade entre demandas da iniciativa privada e a formulação das políticas agrícolas. Representamos um setor de controle biológico e de proteção de plantas, em rápida profissionalização no País e importante para a prática do manejo integrado de pragas na nossa agricultura tropical. É um ramo de negócios em rápida expansão no País.

Temos um comitê técnico científico, dividido em organismos de controles biológicos: parasitoides e predadores (insetos ou ácaros usados como produtos que parasitam ou predam uma praga, como no caso da joaninha) e fungos e bactérias entomopatogênicas atacam e impedem a proliferação de insetos). Existem diversas entidades, como a Embrapa, o Instituto Biológico e a própria Esalq, com ações, pesquisa e desenvolvimento nestas áreas.

Consideramos legítimo o questionamento científico de todo tipo de inovação, com a ideologia sendo deixada de lado. Se o produto for aprovado, deve ir para o mercado com as devidas e adequadas recomendações. Nesse episódio da lagarta *Helicoverpa armigera*, uma das principais pragas da agricultura, assistimos ao seu ataque intenso nas regiões produtoras de soja, milho e algodão no Brasil. Então, perguntamos como ficaram as prevenções complementares sobre vazio sanitário, áreas de refúgio e plantio convencionais nas áreas próximas de algodão Bt e milho Bt.

Esse fato, na verdade, é uma reprodução de outros acontecimentos registrados na produção de café, com a broca-do-café; no algodão, com o bicudo; e na soja, com o percevejo. Faltaram informação e execução da prática do manejo integrado para reduzir a incidência das pragas e doenças. São um alerta e aprendizado importantes.

Na agricultura intensiva, devemos levar em conta a modificação ocorrida no meio ambiente para se produzir alimento e energia. Essa é uma particularidade no controle biológico, cujo produto natural precisa de adaptação. Por isso, há três pontos-chave para a inovação: 1) como produzir os organismos (inseto, bactéria, etc.) em larga escala; 2) a solução logística para levar e aplicar de acordo com a extensão de vida útil do produto (fungos e bactérias); e 3) a liberação do produto em copinhos de água em largas áreas de extensão (formulação de microcapsulas com os esporos do fungo latentes para atacar os insetos). Estas são questões desafiadoras para melhorar o desempenho dessa tecnologia. ■

*Presidente da Associação Brasileira das Empresas de Controle Biológico (ABCBio)

Pecuária sustentável

Eduardo Bastos*



O Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS) parte de uma visão globalizada da cadeia produtiva. Depois do Canadá e da Rússia, o Brasil é o país que mais possui área de preservação no mundo, com 62% do território nacional. Naquelas duas primeiras nações, a razão é basicamente pelo inverno rigoroso. Do território brasileiro antropizado, em torno de 350 milhões de hectares, aproximadamente dois terços, são ocupados com pastagens – é o maior espaço convertido pelo homem no mundo.

Diante da pressão ambiental para não desmatar novas terras, a agricultura nacional terá de gerar 40% do aumento da oferta de alimento no mundo. A grande opção é usar mais tecnologia, mas precisaremos das áreas de pastagens para praticar a produção agrícola. Enfim, os índices zootécnicos da pecuária precisam ser melhorados, de modo a liberar áreas e dar respostas às críticas dos consumidores europeus.

Montado em 2007, ano do embargo europeu para a carne bovina brasileira, o GTPS nasceu com o desafio de incorporar todos os elos para atender os objetivos globais de desenvolver uma atividade mais sustentável. Fazemos parte da Mesa Redonda Global Para a Pecuária Sustentável. Muitas vezes, os interesses dos produtores, frigoríficos, supermercados, bancos, empresas de insumos, Governo e organizações não governamentais fogem da convergência. Conseguimos juntar quarenta participantes para a validação das negociações entre 2007 e 2009. Apresentamos os resultados em 2010, na pretensão de ajudar o Governo na construção das políticas públicas e, também, de dar suporte para o progresso de 2,6 milhões de pecuaristas (da base até o meio, e daí ao topo da pirâmide).



SHUTTERSTOCK

Importantes corporações e associações fazem parte do GTPS. O sistema de governança passa pelos conselhos diretor e fiscal, pela assembleia e pelo comitê de conciliação. Acordamos em três itens: informação, disseminação e recursos para o acesso à parte técnica pelo criador. Interagimos em termos de mostrar as melhores práticas e gestão, com avaliação da produtividade em produção de carne e de leite por hectare. Estamos focados em 856 produtores, em diversos estados. Levamos um *paper* para a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) reconhecer a pastagem como redutora de emissões de gases do efeito estufa.

*Presidente do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS) e diretor institucional da Dow Brasil